

The right nation: conservative power in America

Sob qualquer parâmetro de comparação com que seja analisado o atual presidente dos Estados Unidos George W. Bush, sua classificação no espectro político como “direita” parece óbvia o bastante para que alguém se atreva a contestá-la. Mas até que ponto sua vitória “acidental” nas eleições de 2000 marca uma mudança no cenário político do país que poderia ter sido revertida caso ele não houvesse sido reeleito em 2004, e não o coroamento de um longo processo em curso na sociedade estadunidense? Seria mesmo George W. Bush um estranho no ninho que estaria afastando os EUA de seus valores naturais como parecem querer acreditar muitas dos milhares

de pessoas que se reúnem para protestar onde quer que Bush vá?

Neste livro imprescindível para os estudiosos da política estadunidense, ainda inédito no Brasil, John Micklethwait e Adrian Wooldridge, correspondentes do jornal inglês *The Economist* nos EUA, respondem negativamente a essas perguntas com uma interessante e detalhada etnografia da direita no país.

O livro se divide em quatro partes intituladas História, Anatomia, Profecia e Exceção. Na primeira, os autores traçam uma breve história do movimento conservador estadunidense a partir das mudanças efetuadas no cenário político nacional e no interior do Partido Republicano, que viria a se tornar o principal

CONSERVATIVE POWER IN AMERICA

prise Institute ao pragmático *Heritage Foundation*, a direita religiosa, os grandes empresários, os militantes anti-Estado e antiimpostos, os defensores da livre posse de armas da *National Rifle Association*. Discutem as relações nem sempre tão amistosas entre eles e como apesar das muitas divergências terminam por cerrar fileiras com os republicanos nas eleições. Analisam, ainda, os chamados neoconservadores e como ex-democratas descontentes com os rumos do partido nos anos 1960 tornaram-se um dos grupos mais influentes na atual administração do Partido Republicano. Descartando explicações conspiratórias para essa influência atual, os autores os mostram como intelectuais militantes que há muito articulam e divulgam uma visão de mundo coesa, que parte de um diagnóstico pessimista sobre a situação global para a proposição de respostas unilaterais dos EUA com vistas à manutenção do seu *status* de superpotência única. No contexto pós-11 de Setembro, essa cosmovisão e as soluções sugeridas pareceram extremamente coerentes e plausíveis a uma grande parte da população.

refúgio institucional dos diferentes grupos que compõem esse movimento. Utilizando-se como ícones ilustrativos dessas mudanças das figuras do ex-senador Prescott Bush, do ex-presidente George Bush e do atual presidente George W. Bush, três gerações dessa importante família republicana, os autores mostram a gradativa transformação dos republicanos de um partido elitista, pragmático e demograficamente concentrado no Nordeste dos EUA em um partido de discurso populista, ideologicamente conservador e concentrado no Sudoeste. Ao mesmo tempo, o país também se transforma e sai da hegemonia política democrata e liberal pós-*New Deal* à nação dividida das eleições presidenciais de 2000, vencida por Bush com menos votos que seu concorrente democrata Al Gore e apenas após longa batalha judicial pelos votos da Flórida no Colégio Eleitoral.

Em *Anatomia*, Micklethwait e Wooldridge dissecam os diferentes, e muitas vezes contraditórios, grupos que compõem o conservadorismo estadunidense: os intelectuais encastelados em *think-tanks*, que vão do acadêmico *American Enter-*

A parte seguinte, intitulada Profezia, examina as tendências futuras do cenário político. Escrito antes das eleições de 2004, portanto antes da reeleição de Bush, as análises levam em consideração a hipótese de vitória do candidato democrata John Kerry e seus possíveis efeitos na reversão (ou não) do *establishment* conservador americano atual. Conforme argumentam os autores, a tendência política vigente em 2004 favorece os republicanos na medida em que a agenda política é hegemonicamente conservadora apesar da divisão do eleitorado. Mesmo o último período de domínio democrata na Casa Branca com o carismático e popular presidente Bill Clinton, segundo os autores, pode no máximo ser comparado em termos da dicotomia liberal / conservador (que nos EUA corresponderia à tradicional esquerda / direita na maior parte do mundo) com o governo republicano de Eisenhower (1953-1961). Do mesmo modo, o candidato democrata de 2004 John Kerry nunca se notabilizara por uma oposição programática aos republicanos, tendo inclusive votado a favor da invasão do Ira-

que no Senado e, portanto, mesmo que vencesse, pouco alteraria a presente hegemonia conservadora.

Ainda neste capítulo, analisam-se por um lado os elos fracos da corrente conservadora e que poderiam vir a comprometer sua hegemonia, tais como por exemplo a excessiva concentração no Sul, os esforços às vezes demasiado explícitos em aprovar leis a favor dos grandes *lobbies* e patrocinadores de campanha e as já mencionadas contradições entre os diferentes grupos conservadores estadunidenses; e por outro lado o avanço conservador em grupos majoritariamente liberais como os negros, jovens e mulheres, que poderia ajudar na sua consolidação.

Por último, em Exceção, os autores apresentam os EUA como um país diferente até dos seus mais próximos aliados, em que a política pende muito mais para a direita que no resto do mundo desenvolvido em temas tão diversos quanto política externa, crime e justiça, bem-estar social ou a própria Guerra ao Terror. Além disso, buscam mostrar as raízes desse conservadorismo histórico, presente segundo Micklethwait

CONSERVATIVE POWER IN AMERICA

depararem com a hegemonia das idéias liberais nas políticas públicas dos EUA nos anos 1950/60, souberam estruturar grupos de pesquisa e difusão de idéias capazes de influenciar o debate. Ao constatar que a mídia não lhes era favorável, souberam criar veículos de comunicação como o *National Review* ou a *Fox News*. E se, como dizem os autores, é possível que os Estados Unidos sejam mesmo mais conservador que boa parte do resto do mundo, também é certo que após a queda do Muro de Berlim e o fim da URSS praticamente todo o mundo foi tomado por um maior conservadorismo e a ditadura do pensamento único. E reverter esse quadro é cada vez mais necessário.

e Wooldridge mesmo nos momentos mais “revolucionários” da história estadunidense. Tomemos a chamada Revolução Americana que resultou na independência do país e ela mostra-se, ainda segundo os autores, muito menos radical que a francesa sob quaisquer parâmetros. Tomemos o auge do *New Deal* e da intervenção estatal nos EUA e eles se revelam muito mais pálidos que qualquer *Welfare State* europeu. Segundo os autores, alguns elementos como o protestantismo ianque, a geografia continental de fronteiras em expansão e um desenvolvimento capitalista precoce estiveram presentes desde o início e teriam agido como uma espécie de freio a impulsos mais à esquerda.

A importância do livro reside não apenas na urgência de se conhecer melhor a real natureza da política e da sociedade estadunidenses, o que já não seria pouco no mundo atual. É possível também aos movimentos sociais e militantes de esquerda tirar lições práticas de ação política do modo como os grupos conservadores souberam reverter situações extremamente desfavoráveis em diversas áreas. Por exemplo, ao se

Nota - MICKLETHWAIT, John; WOOLDRIDGE, Adrian. **The right nation: conservative power in America**. New York: Penguin Press, 2004